

PAISAGISMO EM BRASÍLIA

PARTE INTEGRANTE DO PLANO PILOTO DE LUCIO COSTA

Maria Elisa Costa

“De uma parte, técnica rodoviária; de outra, técnica paisagística de parques e jardins” — assim termina o último item da Memória Descritiva do Plano Piloto de Lucio Costa.

Poucas vezes a abordagem paisagística de um projeto urbano foi tão importante na sua concepção, não apenas como parte obviamente inerente a uma cidade-parque, mas como instrumento de projeto, no sentido de “determinante” de espaços urbanos tanto quanto as massas construídas, e de elemento indispensável no ritmo urbano criado pelo projeto.

Da mesma forma que Brasília o “vazio” verde que circunda a área mais densamente edificada é deliberado e faz parte da cidade, o tratamento paisagístico do “cheio” é inerente a ele e cumpre uma função urbana — inclusive plástica — precisa.

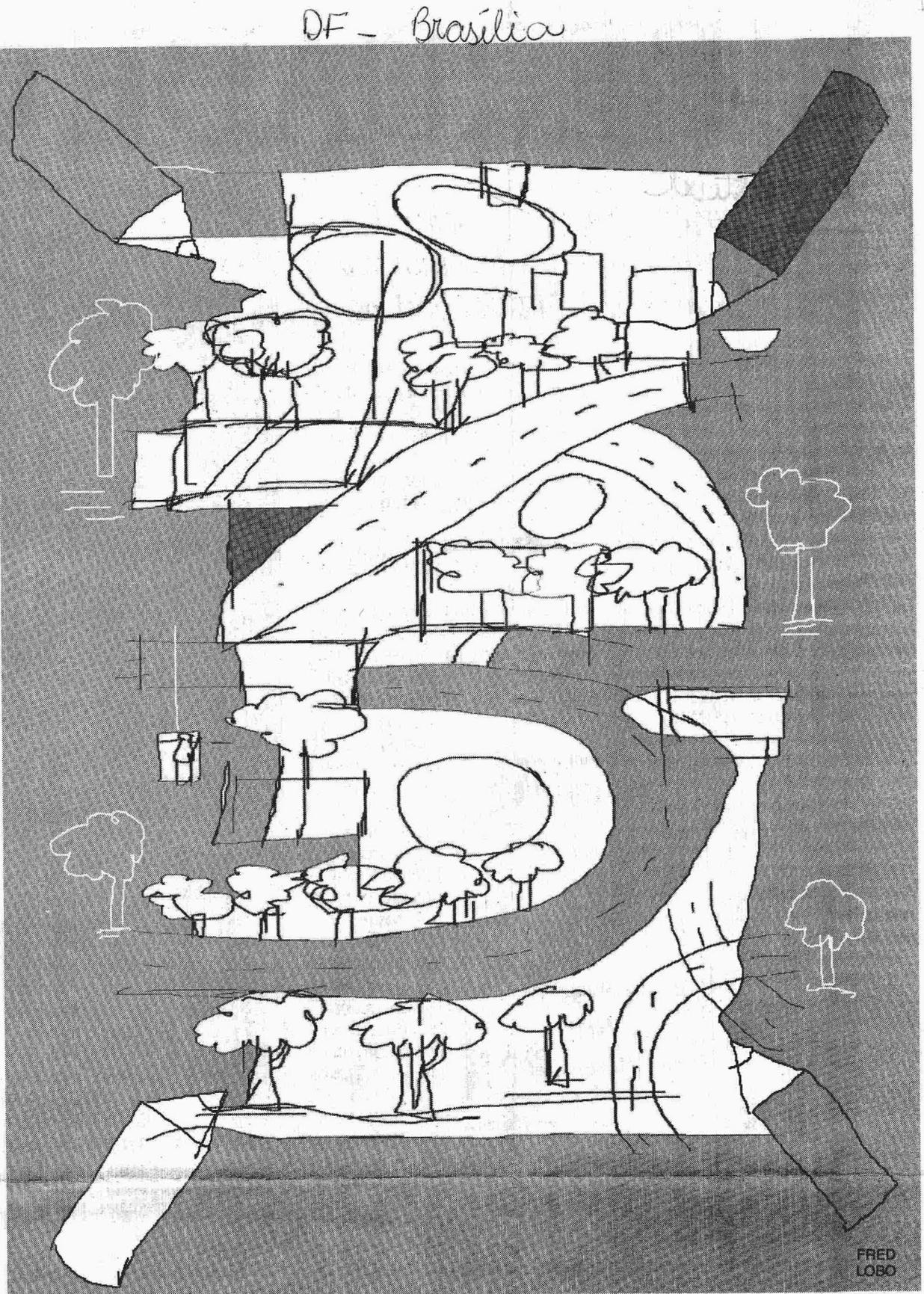
A escala monumental inclui, tanto quanto as construções cuja massa foi definida no próprio Plano Piloto, o extenso gramado livre da Esplanada, exatamente como ele é.

O enquadramento verde e disciplinado pelo plantio regular de árvores em duplo renque que delimita as superquadras determina a relação entre as escalas monumental e residencial, mesmo se a disposição dos blocos residenciais não der conta do recado — como na 207 Sul. O objetivo da faixa verde é tornar legíveis, no espaço, os grandes quadrados; é por essa razão que nas entrequadras o plantio não deve seguir o alinhamento da faixa verde: não se está arborizando uma avenida, o plantio deve ser recuado e de implantação mais livre, exatamente para destacar uns dos outros os grandes quadrados.

A abordagem paisagística do interior das quadras, solta e sem maiores compromissos, marca a intenção de que sejam mais próximas do quintal do que do jardim.

No Lago, a simples deliberação de que as cercas seriam sistematicamente sebes verdes contribui para o aspecto tão simpático e tão pouco provinciano das ruas do acesso aos lotes.

E vale lembrar ainda a proposta do autor do plano para as praças ao longo do Eixo Monumental: o despojamento e a extrema elegância da Praça dos Três Poderes, praça seca à exceção do fórum de palmeiras imperiais e do espelho d'água — “Versalhes do povo, e não do monarca”, no dizer do próprio Lucio; a praça do Buriti, projetada por ele, com os tapetes floridos contínuos, as fontes (é preciso eliminar os “esguichos” fora das bacias posteriormente acrescentados) e as mangueiras na parte posterior; as Praças de Pedestres, em frente aos dois setores de Diversões, que concebeu logo no



início do desenvolvimento do plano, e cujo projeto foi desenvolvido e efetivamente implantado sob sua supervisão em 74, assim como a fonte da Torre de TV e o agenciamento paisagístico de seu entorno.

A abordagem paisagística de Lucio inclui ainda o tratamento dos passeios nas superquadras — grandes placas concretadas (e não as lajotas de 50x50 com juntas largas, que além de fora de escala não permitem que se acerte o passo — e as travessias pedestres no canteiro central gramado da Esplanada, onde simplesmente revestiram de asfalto as trilhas surgidas espontaneamente.

Perceber a importância e o signi-

ficado da abordagem paisagística do Plano Piloto de Lucio Costa é essencial para evitar intervenções desastrosas, muitas vezes feitas sem má intenção, mas que interferem de forma negativa com a cidade.

Talvez seja porque essa presença de Lucio na área do paisagismo, conquanto inequivocadamente expressa na Memória Descritiva do Plano Piloto, nunca foi assumida na forma devida. Caberia completar o dito de Juscelino a Israel Pinheiro, no início da implantação da cidade, ao perceber que, se não fossem de saída definidas as responsabilidades, o querido Dr. Israel corria o risco de invadir territórios que não lhe

competiam: “Coisa de urbanismo é com o Lucio; coisa de arquitetura é com o Oscar; e coisa de prazo e construção é com você” — acrescentando que coisa de paisagismo, também é com o Lucio.

P.S. — Reitero aqui publicamente o apelo feito por escrito ao governador Cristovam Buarque no sentido de suspender em tempo útil o projeto da Sematec denominado “DF Verde” ou “Amigos do Verde”. Quem é amigo do verde — de verdade — jamais proporia vincular publicidade a plantio em Brasília.

■ Maria Elisa Costa é arquiteta